

Economistas divergem sobre solução argentina

Aloísio Araújo: "A Argentina foi muito ágil acabando com o desemprego neo-social, que é causado pela tentativa dos legisladores de melhorar a situação, criando custos trabalhistas que provocam mais desemprego. O Brasil não fez nada...".

José Márcio Camargo: "Não existe desemprego neo-social no Brasil. Aqui, a flexibilidade do mercado de trabalho é assustadora. Mais de 30% dos postos de trabalho trocam de trabalhador a cada ano".

Araújo: "Mas você não acha que isso é muito?".

Camargo: "Isso é péssimo. Mas a mudança deve ser para torná-lo menos flexível. Na Argentina, o mercado era rígido, para demitir era difícil. No Brasil, o cara pega a indenização e

volta para casa. Não há nenhuma restrição à demissão".

Araújo: "Não estou falando nisso".

Edward Amadeo: "O que você está pensando, por exemplo?"

Araújo: "Tem o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS). Certos custos foram aumentados no Brasil depois da Constituição...".

Camargo: "O FGTS foi criado em 1966 pelo Roberto Campos. Não tem nada a ver com a Constituição de 88. Ela criou os 40% sobre o FGTS, que é até bom. Ficou um pouquinho mais caro demitir".

Amadeo: "Mas é mais barato demitir no Brasil do que no Chile, por exemplo".

Camargo: "E do que no Uruguai, na Argentina. O Brasil é um dos países mais baratos para se demitir da América Latina".

Araújo: "Por que se demite tanto? Essa rotatividade não permite ganhos de produtividade".

Camargo: "É preciso fazer uma reforma na Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) inteira, virá-la de cabeça para baixo. Mas o fundamental não é diminuir encargos".

Amadeo: "Não é verdade que se gaste 100%

a mais sobre o salário do trabalhador. São apenas 28%".

Camargo: "É isso: 28%. O resto todo é salário: férias, décimo-terceiro, um terço de férias. Isso é negociado na hora que se negocia o salário".

Amadeo: "Feriados e férias representam 11% dos tais 100%".

Camargo: "Como se pode reduzir os encargos? Acabando, por exemplo, com as transferências para organizações empresariais, como Serviço Social do Comércio (Sesc), Serviço de Apoio à Pequena e Média Empresa (Sebrae) e Serviço Social da Indústria (Sesi). Isso é 10% da folha salarial. Mas será que os empresários da Confederação Nacional da Indústria (CNI) e da Fiesp aceitam? É aí que está o nó".

Amadeo: "O custo-Brasil...".

Araújo: Por isso, são necessárias as reformas. Concretamente, no Brasil, você tem impostos de trabalho que são altamente artificiais. O trabalhador de salário mínimo paga impostos absurdos.

Camargo: "Concordo com isso. Só quero chamar a atenção que não é o mesmo tipo de reforma e concordo ainda que está muito lenta no Brasil".



'Seria impensável há três anos as privatizações dos bancos estaduais... As coisas estão andando'.

Aloísio Araújo



'É como pegar a indústria brasileira, um peso médio, e pôr no ringue com Mike Tyson, um peso pesado'.

Paulo Nogueira Batista

Júnior